

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP
ISSN: 2526-7892

ARTIGO

ESTÉTICAS DA OCUPAÇÃO E SUAS ESPACIALIDADES: CORPOS ENTRE PRESENÇA E ATENÇÃO¹

Miguel Gally^{2,3},

Resumo:

Na filosofia do espaço, o conceito de ocupação tem uma importância fundamental, embora *espaço* e *ocupação* tenham permanecido, por um longo período da história do pensamento europeu-ocidental, conceitos correlatos, dependentes um do outro e até mesmo sinônimos. Traçaremos (1) uma breve contextualização no sentido de mostrar essa intimidade entre tais conceitos na época moderna, e seus desdobramentos; (2) para, então, expor a tese de que ocupações criam ou emanam espacialidades ao seu redor, construindo pelo menos duas estéticas, uma da presença outra da atenção dos corpos. As vinculações entre tais estéticas da ocupação serão trabalhadas criticamente ainda (3), ao se discutir como elas se retroalimentam e se permeiam na medida em que são vistas do ponto de vista político.

Palavras-chave: Estética da ocupação, Filosofia do Espaço, Atenção, Presença, Corpos.

Abstract:

Occupying is an important concept within European philosophy of space, although space and occupying, for centuries, have been concepts that remained dependents upon each other, and even synonyms. This paper aims (1) to shortly contextualizing, in modern Age, this intimacy between both concepts; (2) then exploring in which way occupying presupposes the creation of a spatiality around — or how at least two different space qualities, connected to our bodies, give birth to an aesthetics of presence and to an aesthetics of attention. A discussion (3) on how both occupying aesthetics could permeate each other, or how they feed into each other, will be worked out from a political perspective as final considerations of this paper.

Keywords: Occupying Aesthetics, Philosophy of Space, Attention, Presence, Bodies.

¹ Occupying Aesthetics and its Spatial Qualities: Bodies between Presence and Attention.

² Doutor em Filosofia. Professor Associado de Estética & Filosofia da Arte e da Arquitetura junto ao Departamento de Teoria e História em Arquitetura e Urbanismo, UnB. Endereço de E-mail: gally@unb.br.

³ Este trabalho contou com o apoio da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos - FINATEC e do Decanato de Pós-Graduação da Universidade de Brasília (DPG/UnB); faz parte do projeto de pesquisa *Política da atividade criadora nas artes espaciais* em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (PPG-FAU/UnB). Texto ampliado da palestra ministrada no *14º Congresso Internacional de Estética – Brasil: Artes do corpo, corpos da arte*. Ouro Preto (MG), 22-25/Out/2019.

A criação de espacialidades implica uma articulação política, esta entendida seja como uma relação de forças, seja enquanto busca por adesões. As qualidades desses espaços criados são percebidas em suas ocupações e implicam estéticas próprias. E dois modos de ocupar são recorrentes quando estão em jogo as disputas políticas. No primeiro caso, a ocupação será vista como conquista de atenção, se ligando aos espaços da memória, dos afetos ou da cognição. No segundo, a ocupação se dá como presença gerando um espaço visual, sonoro, corporal. Não se trata de separar tais ocupações como sendo mais ou menos físico-materiais, mais ou menos cognitivas. Tal separação poderia, ainda em alguma medida, remeter aos tipos de ocupações nas ruas das cidades (uma rede social não digital) e daquela dentro das redes sociais digitais. Mas veremos que tais ocupações vistas a partir de suas estéticas implicam uma clara passagem ou fluidez através da fronteira cada vez mais permeável entre mundo digital/mundo não digital, embora esbarrem no limite do corpo humano.

Nossa proposta preliminar seria descrever minimamente tais estéticas do nosso cotidiano político, visto que tais espaços guardam certas qualidades. O ponto central, entretanto, será uma defesa da mútua dependência e importância desses modos de ocupar vistos através de suas estéticas. Por um lado, as ocupações presenciais geram conteúdo (imagens, aparências, discursos, narrativas, etc.) para que a atenção seja conquistada, podendo, por exemplo, ampliar adesões instaurando ou ampliando relações de força. Por outro, as ocupações em vigor quando atenções foram conquistadas garantem adesão para que uma presença possa acontecer, instaurando ou ampliando relações de forças. Propomos, portanto, explorar tais estéticas da ocupação enfatizando e problematizando a dependência recíproca desses espaços criados, quando o ponto central são os corpos humanos construindo a coletividade necessária para disputas políticas. Sugiro, portanto, entrarmos nesse universo com mais cautela e de maneira mais meticulosa.

Partimos do pressuposto de que houve uma profunda mudança na compreensão de espaço quanto à sua relação com o conceito de ocupação. Para entender essa transformação, é preciso recuar historicamente e assumir como ponto de partida que os conceitos de *espaço* e *ocupação* tenham permanecido, por um longo período da história do pensamento ocidental europeu, conceitos correlatos, dependentes um do outro e até mesmo sinônimos. Para dar conta desse primeiro ponto (1), iremos expor os antecedentes dessa questão com uma breve contextualização no sentido de mostrar essa intimidade entre tais conceitos na época moderna, partindo sobretudo de Descartes e como suas ideias sofreram transformações cruciais, dentre elas uma inicial des-substancialização do conceito de espaço, central para a possibilidade de criação de uma estética do espaço em geral, bem como para uma gradual politização da compreensão de espaço; (2) passamos, então, para expor nossa tese central, segundo a qual devemos pressupor que ocupações criam ou emanam espacialidades ao seu redor, no sentido de deixar aparecer determinadas qualidades espaciais, construindo, por sua vez, pelo menos duas estéticas, uma da presença, outra da atenção dos corpos. As vinculações entre tais estéticas da ocupação serão trabalhadas criticamente nas considerações finais (3), ao se discutir como elas se retroalimentam e se permeiam na medida em

que são vistas do ponto de vista político, e como esse debate nos provoca uma especulação sobre uma eventual estética da desocupação.

1. Antecedentes

Nos primórdios da época moderna, ou seja, enquanto se explorava o conceito de extensão vinculando-o ao de espaço, pensar em ocupação de um espaço era algo redundante. De modo resumido e já nos introduzindo no nosso ponto de partida, devemos lembrar que foi René Descartes (1596-1650) quem vinculou de maneira inaugural e necessária espaço-ocupação-corpo na medida em que todo corpo ocupa um espaço. Ou seja, sua compreensão é a de que um corpo não apenas está num espaço, mas que ele é espacial e seu deslocamento para outro espaço é ao mesmo tempo uma ocupação nova desse corpo e uma reocupação por outro corpo daquele espaço ocupado anteriormente. Os corpos, humanos ou não, assim, estariam em permanente alternância espacial porque sempre ocupam. Essa condição infinita do espaço, para Descartes, pode ainda estar ligada a uma visão mais cosmológica dessa teoria, na medida em que não apenas essa alternância de ocupações não tem fim, mas a divisibilidade da matéria (ou dos corpos) também não teria fim.

Essa natureza do corpo é concebida, portanto, como substância extensiva e depende de uma compreensão do que seja o espaço. A *res extensa*, a coisa extensiva, que é o espaço (ocupado) em geral é, assim, ocupação de corpos na medida em que são matéria, ou ainda, na medida em que figuras delimitadas alternam suas ocupações em suas mais variadas escalas. O corpo, ao preencher um espaço sendo tal espaço, exclui todo o resto dessa presença. No título, e tese central, do Artigo 11 da segunda parte dos *Princípios de Filosofia* [1644, 1ª ed. em latim/1647 1ª ed. em francês], dedicada aos princípios da matéria em geral, Descartes investiga “em que sentido se pode dizer que espaço não é diferente do corpo que ele contém”. Ou seja, o espaço pode ser compreendido como ocupação na medida em que ele contém, ao mesmo tempo sendo, tais corpos. Assim, tudo o que existe como coisa extensa é espaço; e dizer espaço ocupado (ou espaço material) torna-se uma redundância.

Derivada desta ideia como consequência inevitável, tem-se que não pode haver espaço vazio, nem tampouco vácuo, nem ainda o nada, porque o espaço sempre é/está ocupado. Ora, se não há diferença entre a substância corpórea e o espaço que ele ocupa⁴, extensão do espaço e a extensão do corpo – não havendo espaço vazio⁵, então espaço precisa ser entendido dentro do binômio corpo-extensão, pensado como condição da materialidade em geral. Assim, a abstração

⁴ DESCARTES, René. **Princípios da Filosofia**. Trad. João Gama. Lisboa: Ed.70, 1995, Parte II, Art.10.

⁵ DESCARTES, 1995, Parte II, Art. 16.

proporcionada agora pela tríade espaço-corpo-extensão revela uma concepção metafísica, no sentido de ser uma realidade objetiva que dá condição para que qualquer extensão ou corpo ou espaço possa ser pensada como ocupações. Isso será particularmente importante para a caracterização de uma estética da ocupação, pensando que esse espaço ocupado não se limita ao corpo presente, mas também ao que emana, como aparência, discurso, imagem, etc. desses corpos e sobre como outros corpos (humanos, mas não exclusivamente) se relacionam com essa espacialidade. Mas retornemos mais um pouco para concluir essa visita ao pensamento cartesiano.

A definição corpo-matéria-extensão está em sintonia com a intenção de Descartes em definir aquela instância real, mas não-extensiva, aquela não-materialidade que existe, e que é, sabemos, a não-espacialidade da consciência: a *res cogitans*. A base da metafísica cartesiana assume de um lado a *res extensa* (coisa extensiva), espacial, e de outro e em contraposição, a *res cogitans* (coisa cognoscente), não-espacial. Portanto, nos termos cartesianos, quando concebo minha existência como ser que pensa, não se tem uma existência espacial, o que me permite uma relação com o mundo baseada em algo outro que ocupação. Isso é importante para entender e lembrar, portanto, como o conhecimento moderno científico nas suas origens cartesianas prescindiu do objeto, de sua materialidade, de sua aparência e, sobretudo, das estéticas daí derivadas ou construídas, quando pensamos na presença dos corpos ou dos objetos. Mas, por outro lado, deixa uma provocação aberta: se e como essa existência não corporal poderia ser vista em termos de ocupação, embora a filosofia cartesiana não comporte e não se interesse em desenvolver esse aspecto.

Para que uma investigação sobre essa abertura temática se tornasse possível, foi preciso antes uma investigação que tornasse a compreensão de espaço des-substancializada. No vocabulário cartesiano, haveria, como substância, apenas corpo e mente, sendo a extensão o predicado/atributo essencial de corpo (e dos objetos, enfim da matéria em geral); e o pensamento, como predicado/atributo essencial da mente. Em termos restritos, ainda em acordo com o pensamento cartesiano, o que estou chamando de des-substancialização de espaço diz respeito a como pensar espaço para além da sua vinculação necessária com a noção de extensão vista como uma essência dos corpos ou da matéria em geral. Ou seja, que outras compreensões de espaço são permitidas e possíveis, e quais suas implicações para o conceito de ocupação.

Uma parada importante nessa trilha histórica nos é oferecida por Immanuel Kant (1724-1804). No início da *Crítica da razão pura*, livro no qual estão em questão as bases de uma teoria do conhecimento, o espaço surge como uma forma da sensibilidade. Espaço é um ponto central na Estética Transcendental⁶, esta entendida não como uma estética do gosto, nem tampouco vinculada aos

⁶ KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. Manuela Pinto Dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994, §§1-8, especialmente §3 e 8.

sentimentos que podemos ter ao perceber objetos no mundo, mas sim enquanto uma ciência pura da sensibilidade, ou seja, como uma teoria estética das condições daquilo que nos é dado através dos cinco sentidos. Essa ciência se debruçaria sobre a fonte empírica do conhecimento, embora interessada nas suas condições puras.

É preciso lembrar que o conhecimento teórico, na filosofia crítica, passa a ser concebido como uma conexão necessária entre representações, deixando de lado o que os objetos são fora dessa relação com a nossa capacidade de percebê-los, daí a importância fundamental da sua teoria estética. O corpo, por exemplo, seria apreendido segundo essas limitações, como uma representação. As representações do tipo empíricas só seriam possíveis a partir da pressuposição de uma intuição pura que seria o espaço e o tempo, ambas formas da sensibilidade, de modo que espaço não derivaria dos sentidos; por outro lado, também não seriam conceitos propriamente. É aí que espaço passa a ser vinculado a uma condição intensiva e permanente. Pensado como uma forma *a priori* da sensibilidade, o espaço integraria, junto com o tempo, a faculdade da sensibilidade, tornando-se condição para nossas representações serem (co)ordenadas minimamente até que a faculdade do entendimento conecte tais representações, determinando-as *a priori* para que sejam verificadas empiricamente. Ou seja, apenas com o recurso não conceitual do espaço e do tempo, que no vocabulário kantiano surgem, mais especificamente, como intuições puras, conhecimentos não seriam possíveis. O espaço, entendido como intuição que ordena minimamente as representações para que o entendimento possa determinar tais relações e construir conhecimentos, retira aquela característica cartesiana de que o espaço é a essência dos objetos ou de que corpo e sua extensão ocupam um espaço. A des-substancialização do espaço inaugurada por Kant desvincula a relação necessária entre ocupação material e espaço, primeiro porque concebe o conhecimento levando em conta aquilo que nos é dado aos sentidos (fenômenos) segundo limitações perceptivas, não como uma determinação dos objetos, propriamente; depois, porque espaço deixa de ser pensado como conceito de algo, incapaz, portanto, de determinar seja o que for. Aqui abre-se o caminho para que definições não substancializadas de espaço sejam tematizadas em variadas direções inaugurando novas tradições dentro da filosofia do espaço, e permitindo com isso que ocupação ganhe novas compreensões.

Ao longo do século XIX se explora tal abertura por vias que se consolidam em compreensões históricas, ou de um espaço de tempo histórico; de um espaço sociológico, político, ou antropológico, sem mencionar os espaços estéticos propriamente, representados ou vividos, sobretudo nas artes e na arquitetura. Esse crescimento das compreensões de espaço aumenta, tornando mais complexos os sentidos de ocupação.

Um desses sentidos é explorado por Michel Foucault em uma breve história do conceito de espaço na conferência de 1967 intitulada “Outros Espaços”,

publicada apenas em 1984⁷. Nesse ensaio ele explora justamente aquela complexificação a partir da sua própria ideia de poder (*relações de forças*). Ele pensa numa evolução iniciada numa compreensão de espaço medieval como localização (finito), para aquela do espaço moderno visto como extensão (infinito) e desse para o espaço como posicionamento (relacional ou relativo). Foucault recua rumo a uma compreensão de espaço medieval, pensando-o como relativo à cidade terrena dos seres humanos, finita porque murada, mas também não eterna, não divina. Com isso talvez possamos situar melhor aquela compreensão cartesiana que substancializa o espaço para evitar sua caracterização excessivamente mística ou teológica, pensando o espaço não como a mera localização, mas como a essência dos corpos em geral, de uma perspectiva cosmológica, sendo o espaço infinito não apenas em termos macroscópico (universo e corpos celestes), mas também microscópico (já que sem vazio, a divisibilidade da matéria também não teria fim). Mas voltemos, entretanto, para aquela terceira concepção de espaço esboçada por Foucault.

Este último conceito tentara dar conta daquilo que ele entendeu como sendo os hetero-espacos (ou heterotopias), que são espacos críticos e concretos, mas que existem somente em correlação com outros lugares, daí serem relacional e, necessariamente, guardarem uma característica política. Os hetero-espacos são carregados de uma dimensão social, não sendo meramente abstratos ou ideais: são jardins que originalmente se comporiam como microcosmos; são museus e bibliotecas que guardam vários tempos dentro de um tempo específico; são cemitérios vistos como sendo as cidades dos mortos dentro da cidade dos vivos; são as feiras e grandes festas públicas, que recriam espacos das cidades com ocupações sazonais. Com isso, Foucault reforça a narrativa a favor de uma des-substancialização do espaço, mas fazendo pensar um conceito de ocupação cada vez mais sofisticado. Para ele essas heterotopias são compreendidas como posicionamento relacional e crítico frente a outros espacos, mas ao mesmo tempo não se perdendo em abstrações, porque seriam ainda concreto e não-utópico.

No final do século XX, herdando essas ideias e radicalizando-as, passa-se a investigar os não-lugares das grandes metrópoles⁸, para além das heterotopias e em alguma medida complementando aquela taxonomia foucaultiana dos espacos na história. Os não-lugares, segundo Augé, seriam espacos reais, mas carentes de identidade, história (tradição) e de uma capacidade de se comunicar, construídos como uma espécie de espaço padrão, que nem nos localiza, nem se correlaciona com o espaço (urbano) ao redor. Seria um espaço, cujo posicionamento e capacidade de se relacionar com outros espacos torna-se deficitário ou negativo, e quando ocorre, nunca é de modo crítico, mesmo enquanto ocupado. A ocupação, nesse contexto, não agrega, ao contrário, isola.

⁷ FOUCAULT, Michel. Outros espacos. In: **Ditos e escritos III**: Estética – literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense, 2009, p. 411-422, especialmente 415-421.

⁸ AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira, Campinas: Papirus, 2012, p. 95-105.

Esses e outros desdobramentos provocaram debates importantes para que se aprofundassem uma definição política de espaço, que passou a depender da estética e da aparência mesma desses espaços, fazendo-nos refletir ainda sobre a ocupação como instauração de lugares e/ou disputa por territórios, mas também ocupação sobre modos de agir e gestos, tornando visível, por exemplo, verdadeiros regimes sensíveis⁹. Assim, o espaço há muito deixou de estar apenas vinculado ao corpo ocupando, ou a uma condição meramente abstrata e formal. Sua des-substancialização vai provocando uma crescente politização, até que se torna mais concreto que há uma espacialidade criada ao redor e em função dos modos de aparecer de uma ocupação. Uma espécie de campo magnético envolvendo tais corpos, e tornado apreensível através das qualidades geradas a partir desses espaços ocupados. Haveria aí, portanto, a construção de pelo menos duas estéticas da ocupação, as quais passamos a expor.

2. Estéticas da ocupação entre presença e atenção

Retomemos de forma resumida nosso percurso até aqui. Seguindo essa tradição mais recente (século XX) em que os sentidos de ocupação são ampliados, tem-se como ponto de partida uma desvinculação entre espaço e ocupação, porque o espaço ocupado pelo corpo iria além daquele lugar que ele se localiza, na medida em que aparece e interfere em outros espaços, corpos e lugares. Com isso, voltamos para uma reflexão sobre práticas cotidianas e as disputas que elas implicam. Assim, tais estéticas da ocupação marcam estéticas do nosso cotidiano político, visto que tais ocupações guardam certas qualidades espaciais ou certas espacialidades. Entenderemos ocupação em termos militares, e assim o faremos porque há muito as disputas políticas tornaram-se um confronto em que as relações de forças ganham/perdem território e, com isso, novas possibilidades de ação são permitidas ou bloqueadas. Vejamos, portanto, como tais ocupações se caracterizam.

No primeiro caso, a ocupação será vista como conquista de atenção, se ligando aos espaços da memória, dos afetos ou da cognição. Tal ocupação acontece quando, presentes, os corpos percebem/aceitam/recusam provocações. Muito comum no mundo do marketing e da cultura visual, mas cada vez mais explorado no universo digital (não) profissional, temos nossa atenção captada, isto é, ocupada. A visualidade das telas, com o surgimento do cinema e depois com os televisores, trouxe isso de modo inaugural, no entanto, com as novas tecnologias temos uma ampliação desse comportamento espalhado por todos os lugares. Os usos das telas dos telefones inteligentes, que na verdade são mini-micro-

⁹ RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Trad. Mônica Costa Netto, São Paulo: Ed. 34, 2009; e também RANCIÈRE, Jacques. **Espectador Emancipado**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 16-18; 48-49; 64-65.

computadores, tornam essa aparência ou estética dos corpos que se envolvem com a tela cada vez mais comum em espaços públicos, privados, no campo ou na cidade: grupos de pessoas sentados em uma mesa, cada um com sua tela, como se não estivessem presentes ali umas para as outras; mortes não provocadas ou acidentais causadas por *selfies*; acidentes no trânsito ou nos espaços públicos causados por motoristas ou pedestres, cujas atenções haviam sido conquistadas online; casos cada vez mais comuns de pessoas imersas em seus quartos por dias em jogos online (com outros usuários), às vezes nem saindo para fazer suas necessidades fisiológicas mais elementares, quase que negando sua presença; além do uso massificado de redes sociais digitais como meios de comunicação e formação de opinião pública, algo que faz crescer o hábito de pegar e consultar tais telas recorrentemente durante o dia. Nessas situações, é a atenção e sua conquista que faz esses corpos parecerem como aparecem: desatentos para uma determinada realidade, embora superatentos a outra realidade.

Vimos até o momento apenas exemplos do mundo digital, mas na estética da ocupação das atenções não tem sua fonte exclusiva no mundo digital. Por exemplo, a pele arrepiada pelo soar dos tambores pode ser entendida como sintoma do despertar de uma ancestralidade adormecida da memória, como indicam alguns como causa desse sentimento: uma adesão pela memória a um afeto coletivo, o que acontece quando nos sentimos ligados e atentos ao que não conhecemos e mesmo assim desejamos, e nisso podemos sentir prazer. Tal atenção faz nossos corpos se desligar de um mundo e se ligar a outro, porque nossas atenções foram conquistadas ou ocupadas.

Byung-Chul Han é um dos pensadores atentos a essa dinâmica dos corpos na contemporaneidade, e nos fornece interessantes provocações para teorizar tal contexto. Para ele o espaço de poder ganha existência quando um *self* (eu) se perpetua sem se perder num *alter* (outro), que por sua vez se assume como sendo parte daquele mesmo *self* que o subjuga ou que tem sua atenção¹⁰. Ou seja, essa perpetuação do *self* no *alter*, que para Han, na sua forma mais acabada, não se impõe com uma violência física, embora essa seja sempre um recurso (imediato), é tanto mais absoluta quanto menos é perceptível e mais mediata é. Trazendo isso para o contexto das estéticas da ocupação: sua instauração integral ou absoluta acontece quando o *alter* assume como sua uma atenção (para uma realidade) que no fundo que lhe era alheia antes da sua ocupação por um *self*. Aprofundando esse diálogo com Han, precisamos permanecer cuidadosos para não integrar a estética da ocupação da presença como parte da estética da ocupação da atenção, ou seja, como menos decisiva, já que seguindo Han e a ideia de que uma perpetuação do *self* pode ocorrer de forma absoluta (quanto ela mais for mediada) terminaria priorizando uma estética da atenção, que é sempre mediada, em detrimento daquela da presença. Não podemos perder de vista que acreditamos se tratar de duas estéticas, e que se retroalimentam em suas práticas cotidianas. Vejamos isso mais de perto.

¹⁰ HAN, Byung-Chul. **Que é poder?** Trad. Gabriel Salvi Philipson, Petrópolis: Vozes, 2019, p. 15-18 et. seq.; e p. 142-144.

Na estética da ocupação da presença, o modo como aparece tal ocupação se dá como presença na medida em que gera um espaço visual, sonoro, tátil e olfativo, uma espécie de campo magnético. A arquitetura pensada em termos fenomenológicos expõe bem essa condição, guardando uma profunda correlação com as artes visuais brasileiras pós-1960 que seguiram o modelo colaborativo¹¹. Para Evaldo Coutinho¹², um dos mais ousados representantes dessa abordagem teórica no Brasil, a arquitetura é ocupação na medida em que se violenta a amplidão territorial, se fazendo presente ao distribuir e isolar espaços, separando-os em uma série de vazios, e é assim que ele pensa a cidade e o espaço urbano. Quando Coutinho define arquitetura como uma *escultura vazia*, a arquitetura em suas escalas edilícia e da cidade precisam também da presença das pessoas para que os espaços passem a existir, ou seja, para que se transformem cultural e sensivelmente. É a ocupação enquanto presença de corpos que dá existência ao espaço antes vazio, e somente então surgem qualidades espaciais ou suas espacialidades próprias. A arquitetura, aqui mais do que as artes visuais, porque inclui a criação de espaços artísticos e não artísticos, é um espaço, por excelência, da presença por ocupação.

As práticas coloniais ampliam o escopo dessa estética da ocupação presencial, mas para isso seria preciso incrementar aquela ideia geral foucaultiana de que poder são relações de forças, e de que violência seria apenas mais um tipo de relações de forças, acrescentando a uma biopolítica, uma necropolítica que retematiza o lugar da violência. Desenvolvendo tal compreensão de poder e fazendo pensar no alcance teórico de uma política da morte, Achille Mbembe¹³, segue com e contra Foucault, pensando como as ocupações coloniais extrapolam qualquer relação de forças. Mbembe questiona os três modos da tecnologia do poder pensados por Foucault, a saber, a da violência e do sangue, a da escrita e das leis, assim como a tecnologia do controle disciplinar, capaz no seu conjunto de criar culturas impondo-se sobre e destruindo outras culturas, na medida em que tais tecnologias não podem ser facilmente relativizadas como sendo todas tipos de relações de forças. Mbembe lembra que tais tecnologias se tornam mais eficientes quanto menos relações – propriamente - de forças houver, ou seja, quanto mais tais tecnologias de matar tornam invisível a condição humana dessas pessoas massacradas por uma ocupação unilateral, desproporcional, planejada e racional, menos relação, de fato, há. A ocupação, em termos gerais, e precisamos reforçar isso aqui, faz parte de uma clara herança colonial e de disputa territorial, mesmo quando não há resistência ou relação de forças propriamente.

¹¹ GALLY, Miguel. Delimitando a atividade criadora nas artes visuais e arquitetura a partir das perspectivas generativa e participativa/colaborativa. In: Duarte, Pedro et al. (org.). **Estética**. São Paulo: Ed. ANPOF, v. 1, 2019, p. 122-128.

¹² COUTINHO, Evaldo Coutinho. *Esculturas vazias*. In **Perspectiva Filosófica**. Recife. v. 3, n. 6 e 7, 1995. p. 207-214.

¹³ MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1, 2010.

Para Mbembe, a violência não é apenas um tipo de poder, mas a base estrutural do colonialismo. Os operadores de uma política da morte não consideram a existência do *alter*, agora aproximando Han e Mbembe, e a prova disso é que também não estão interessados em uma continuidade do *self* nesse *alter*, mas apenas na destruição de seus espaços, conformados não apenas por seres humanos, mas igualmente pela natureza, animais, minerais... nesse contexto, a ocupação é destruição de espaços, e sua estética correspondente é marcada pela desolação macabra em todas as escalas visíveis e imagináveis.

Tal estética da ocupação por presença se mostra ainda em manifestações ou protestos nas ruas quando se gera uma espacialidade marcada por um determinado ânimo, mas sobretudo por cores, gestos, sons e comportamentos que transformam ruas em passarelas, que transformam as pistas de automóveis em chão para os pés. A disputa pelos espaços das cidades nas quais nós humanos vivemos (ca. 70% da população mundial mora em cidades, em último relatório da ONU), implica uma ocupação presencial, e aqui passamos a observar como ela não concorre com a ocupação vinculada à conquista de atenção, porque a estética da ocupação via presença inclui as disputas de atenção nas redes sociais digitais tanto quanto no espaço público em geral. São ambas, estéticas da ocupação em última instância. É esse ponto de convergência que gostaria de explorar mais ou pouco, lembrando de um caso recente da realidade brasileira.

Desde o início das últimas grandes manifestações da sociedade civil no Brasil (2013), temos observado essa profunda ligação entre presença e conquista de atenção, mas foi nas eleições presidenciais brasileiras de 2018 que começamos a nos dar conta de quão complexa essa situação poderia se tornar. Depois de inúmeras acusações e suposições¹⁴ sobre como as atenções estavam sendo conquistadas chegando a interferir em multidões a escolher seus candidatos, o que gerou processos judiciais contra candidatos que teriam influenciado em votos se utilizando de notícias falsas (*fake news*) contra seus concorrentes¹⁵, tivemos a surpresa de um depoimento que traz de modo mais detalhado como essas influências acontecem, ou seja, como a conquista de atenção se desdobra em presença, ação, e como a estética aprofundou seu papel político de modo ainda mais radical. Foi um desabafo de um marqueteiro de campanha política¹⁶

¹⁴ Cf. FERREIRA, Gabriel; SOARES, João Pedro. Como funciona a máquina de whatsapp que pode eleger Bolsonaro. **Revista Época**, Rio de Janeiro: Globo, 24 out. 2018. Disponível em <https://epoca.globo.com/como-funciona-maquina-de-whatsapp-que-pode-eleger-bolsonaro-23180627>. Acesso em 25 jun 2020.

¹⁵ CartaCapital, TSE retoma julgamento que pode cassar a chapa Bolsonaro-Mourão. **CartaCapital - Deutsche Welle**, 30 jun 2020. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/os-possiveis-cenarios-para-o-julgamento-da-chapa-bolsonaro-mourao-no-tse/>. Acesso em 30 jun 2020.

¹⁶ Cf. SOMBRA, Edson. Depois da briga com Carluxo, ex-marqueteiro de Bolsonaro escreve sobre robôs eleitorais. **O Globo - Tribuna Da Internet**: Rio de Janeiro: Globo, 10 jun. 2020. Disponível em <https://www.contextoexato.com.br/post/depois-da-briga-com-carluxoa-exmarqueteiro-de-bolsonaro-escreve-sobre-robos-eleitorais20200610>. Acesso em 30 jun. 2020.

aparentemente arrependido pelo alcance do estrago que ajudou a cometer (ou simplesmente para se vingar de desafetos pessoais, o que é mais provável).

Resumidamente, ele explica que e como sua campanha usou largamente robôs. Ou seja, explicou como programas de computador controlavam telefones celulares sem um CPF válido, ou seja, cujos perfis falsos em redes sociais digitais postavam imagens e mensagens (opiniões) em massa, por exemplo, com e através de *hashtags*; e com isso pautavam o assunto mais importante naquela rede e naquele momento da campanha política, tamanho o volume, sincronicidade e direcionamento dessas postagens. Isso, entretanto, de tal modo articulado entre robôs operados pela mesma campanha, que conseguiam criar um debate, isto é, usando perfis favoráveis e outros contrários em torno de um assunto. Gerou-se, assim, um falso espaço de disputa política, pelo menos inicialmente, mas que se tornava bem real quando ocupado pela adesão de perfis com CPFs e títulos de eleitor verdadeiros. Quando esses perfis com CPFs verdadeiros assumem como seus aqueles debates conduzidos por robôs, reforça-se justamente aquela ideia colocada por Han quanto à criação de espaços de poder por um *self* continuando em um *alter*. Mas podemos considerar também que sua atenção foi conquistada, e que, assim, pode ainda conquistar a atenção de outros, e assim sucessivamente; e mais do que isso, sua presença foi mobilizada também, porque daí a essa pessoa real resolver ir participar de uma passeata, ir a um comício político qualquer, ou mesmo se engajar com ações políticas, não é tão difícil que ocorra. Sua presença, agora vendo por uma perspectiva da retroalimentação, pode conquistar a atenção de outras. Mas voltemos para a conclusão do marqueteiro que parece ter se arrependido (talvez oportunamente diante desse escândalo público permanente que se tornou a vida política brasileira). Ele defendia que para cada *post*, apenas um perfil deveria ser o autor. Ou seja, que para cada *post*, um corpo deve ser o autor, lembrando que por mais ousada e complexa que possa ser uma experiência digital, o corpo ainda deveria ser o limite ético do universo digital, pelo menos até que algoritmos tenham definitivamente corpos e CPFs válidos.

Não se trata, portanto, de separar tais ocupações como sendo mais ou menos físico-materiais, mais ou menos cognitivas. Tais ocupações incluem exemplos das ruas das cidades (uma rede social não digital) ou de dentro das redes sociais digitais, de modo que tais estéticas ou modos de aparecer desses corpos ocupados implicam uma clara passagem ou fluidez através da fronteira, cada vez mais permeável, entre mundo digital/mundo não digital, mas sobretudo entre presença e atenção. Tal fluidez, entretanto, parece esbarrar no limite do corpo (humano). Nessas estéticas, são os corpos ocupados ou ocupando que geram tais espacialidades. E essa seria a convergência mais importante entre tais estéticas da presença e da (conquista) de atenção, enquanto estéticas da ocupação.

3. Considerações finais: centralidade do corpo

Enquanto estéticas da ocupação, tanto a presença quanto a (conquista) de atenção apresentam uma mútua dependência como modos de ocupar. Propusemos, portanto, explorar tais estéticas enfatizando e problematizando a dependência recíproca desses espaços criados, quando o ponto central são os corpos (humanos) construindo a coletividade necessária para as disputas políticas.

Para marcar a intrínseca relação da estética da ocupação por presença ou da atenção, lembremos que o corpo que realiza uma *selfie* ou que conversa numa rede social digital está atento a determinadas coisas e desatento a outras. Tem sua atenção conquistada, ocupada, mas não necessariamente a presença do seu corpo, que pode aparecer desatenta e perdida, ou ser supermotivada até que uma manipulação sofisticada se torne um tema relevante. Por outro lado, a presença (do corpo) pode fazer aparecer uma paisagem humana cuja atenção não foi conquistada, embora esteja sempre criando espacialidades pelo simples fato de estar presente.

Dentro desse recorte teórico, e dentro do momento histórico em que vivemos, tais ocupações, na medida em que criam espacialidades, precisam ocorrer e, na verdade, estão ocorrendo, em paralelo. Ou seja, não adianta insistir em qual das duas é mais importante, nem se uma sobrevive sem a outra. As duas precisam ser igualmente valorizadas, porque mostram cada vez mais força se retroalimentando. Por um lado, as ocupações presenciais geram conteúdo para que a atenção seja conquistada podendo ampliar adesões instaurando ou ampliando relações de forças. Por outro, as ocupações em vigor quando atenções foram conquistadas garantem adesão para que uma presença possa acontecer instaurando ou ampliando relações de forças.

As estéticas das ocupações fazem parte de um grande conjunto dentro do cotidiano e práticas políticas da contemporaneidade, mas há também na outra ponta dessas investigações, agora especulando um pouco sobre o limite dessas estéticas das ocupações, me parece surgir no horizonte a necessidade, igualmente importante, de começarmos a discutir e investigar uma estética da desocupação. Uma estética que garanta aos corpos não meramente ocupar novos espaços, mas de tratamos os corpos em termos outros que *presença* ou *conquista de atenção*. Essa condição negativa da *ocupação* ou a desocupação apontaria para: *um deixar lugar para; um calar ao invés do falar; um ouvir ao invés da surdez...* Com isso, estaria em jogo mais do que uma reocupação, mas um desocupar pautado por uma sincera autocrítica¹⁷, para que outros lugares efetivos surjam, antes reprimidos: na história dos conquistadores, nas histórias pessoais, e na vida das cidades...

¹⁷ Cf. GALLY, Miguel. Política a partir de arte & tecnologia: Provocações para compor um debate. **Viso: Cadernos de estética aplicada**, v. 12, n° 23 (jul-dez/2018), p. 292-304, especialmente os dois últimos e conclusivos parágrafos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÉ, Marc. **Não lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira, Campinas: Papirus, 2012.
- CartaCapital, TSE retoma julgamento que pode cassar a chapa Bolsonaro-Mourão. **CartaCapital - Deutsche Welle**, 30 jun 2020. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/os-possiveis-cenarios-para-o-julgamento-da-chapa-bolsonaro-mourao-no-tse/>. Acesso em 30 jun 2020.
- COU TINHO, Evaldo Coutinho. “Esculturas vazias” In **Perspectiva Filosófica**. Recife. v. 3, n. 6 e 7, 1995. p. 207-214.
- DESCARTES, René. **Princípios da Filosofia**. Trad. João Gama. Lisboa: Ed.70, 1995.
- FERREIRA, Gabriel; SOARES, João Pedro. Como funciona a máquina de whatsapp que pode eleger Bolsonaro. **Revista Época**, Rio de Janeiro: Globo, 24 out. 2018. Disponível em <https://epoca.globo.com/como-funciona-maquina-de-whatsapp-que-pode-eleger-bolsonaro-23180627>. Acesso em 25 jun 2020.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In **Ditos e escritos III: Estética – literatura e pintura, música e cinema**. Trad. Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense, 2009.
- GALLY, Miguel. Delimitando a atividade criadora nas artes visuais e arquitetura a partir das perspectivas generativa e participativa/colaborativa. In: Duarte, Pedro et al. (org.). **Estética**. São Paulo: Ed. ANPOF, v. 1, 2019, p. 122-128.
- GALLY, Miguel. Política a partir de arte & tecnologia: Provoações para compor um debate. In: **Viso: Cadernos de estética aplicada**, v. 12, n. 23 (jul-dez/2018), p. 292-304.
- HAN, Byung-Chul. **Que é poder?** Trad. Gabriel Salvi Philipson, Petrópolis: Vozes, 2019.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. Manuela Pinto Dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1, 2010.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Trad. Mônica Costa Neito, São Paulo: Ed. 34, 2009.
- RANCIÈRE, Jacques. **Espectador Emancipado**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- SOMBRA, Edson. Depois da briga com Carluccio, ex-marqueteiro de Bolsonaro escreve sobre robôs eleitorais. **O Globo - Tribuna Da Internet**: Rio de Janeiro: Globo, 10 jun. 2020. Disponível em:

(<http://doi.org/10.22409/1981-4062/v23i/268>).

<https://www.contextoexato.com.br/post/depois-da-briga-com-carluxoa-exmarqueteiro-de-bolsonaro-escreve-sobre-robos-eleitorais20200610>. Acesso em 30 jun. 2020.

Artigo recebido em 01/07/2020

Aceito em 10/07/2020